



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14259 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

CURRÍCULOS HÍBRIDOS E SISTEMAS DE REVEZAMENTO: PRODUÇÕES DISCURSIVAS E EMERGÊNCIA DE ENUNCIADOS

Daniele Farias Freire Raic - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Maria Roseli Gomes Brito de Sá - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

CURRÍCULOS HÍBRIDOS E SISTEMAS DE REVEZAMENTO: PRODUÇÕES DISCURSIVAS E EMERGÊNCIA DE ENUNCIADOS

Resumo: Este estudo busca problematizar as práticas discursivas e a emergência de enunciados produzidos em torno da ideia de currículos híbridos, especialmente após as experimentações curriculares trazidas pelas práticas escolares desenvolvidas de modo remoto durante o período de pandemia da Covid-19, quando o distanciamento social se impôs. Trata-se de um estudo desenvolvido em duas universidades baianas - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Universidade Federal da Bahia - e tem como aporte teórico-metodológico os estudos pós-estruturais, recorrendo às formulações conceituais da filosofia da diferença. Traz a cartografia como método e lança-se numa garimpagem em busca dos discursos produzidos e praticados em torno dos currículos híbridos nos meios de comunicação, nas redes sociais e nos textos oficiais. Utiliza-se, ainda, de questionários abertos distribuídos através de plataformas on-line para discentes de cursos de graduação e pós-graduação, nível de mestrado e doutorado, na área de educação/ensino a fim de melhor aproximação dos sentidos e significados produzidos para o enunciado “currículo híbrido”. Este trabalho sugere a emergência da ideia de currículo híbrido como um sistema de revezamento entre atividades on-line e presenciais, cujo simplismo precisa ser amplamente problematizado.

Palavras-chave: Currículos híbridos, Práticas discursivas, Produção de enunciados, Sistema de Revezamento.

As discussões em torno dos currículos híbridos não são novas no campo dos estudos curriculares. Todavia, parece-nos que a prática discursiva em torno da ideia de currículos híbridos vem sendo amplamente alterada, sobretudo, após o ano de 2020, quando as escolas de todo o mundo tiveram suas atividades presenciais suspensas por um período médio de dois anos, em função do alto risco de contágio pelo vírus SARS-CoV-2, mundialmente conhecido como Covid-19. Desde então passamos a conviver com o apelo ao retorno presencial às atividades escolares utilizando-se, no rol de argumentos, a defesa pelos currículos híbridos, provocando em nós, atores e autores curriculantes, certo incômodo face à emergência dos inúmeros sentidos e significados para o enunciado “currículos híbridos”. Dizemos com Deleuze e Guattari (1995b, p.12) que a “unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem” e, assim, acreditamos que, lançados nos fluxos (in)tenso da linguagem, passamos a produzir novas palavras de ordem ao experimentar a desterritorialização do sentido de hibridismo como fusão, mestiçagem, atravessamentos, em direção a uma profusão de inumeráveis sentidos e significados para o mesmo conceito. Nesta perspectiva passamos a nos interessar em cartografar tais sentidos e significados e a maneira como esses enunciados têm provocado atualizações curriculares capazes de produzir *outros* territórios de tensionamentos no campo dos currículos.

Este trabalho resulta de um conjunto de estudos que vêm sendo desenvolvidos em duas universidades baianas - a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) -, no intuito de mapearmos composições curriculares que emergem no/do cotidiano das práticas discursivas, tanto na educação básica, quanto na educação superior. Especificamente para a produção deste estudo, contamos com a participação de estudantes de licenciaturas das duas universidades, com especial destaque para o curso de Pedagogia - por ter registrado maior participação de colaboradores - e de estudantes de pós-graduação, nível de mestrado e doutorado, acadêmico e profissional, de programas em Educação e em Ensino de ambas as universidades. Traz a cartografia como método e lança mão de diferentes dispositivos em busca dos discursos produzidos e praticados em torno dos currículos híbridos. O entendimento de dispositivo neste trabalho apoia-se nas elaborações de Foucault (1979, p. 244), para quem o dispositivo é tido como um “conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais [...]”. Com isso, tentamos garimpar diferentes dispositivos, discursivos e não discursivos, dentre os quais destacamos as *lives*, que se multiplicaram nas universidades em tempos de pandemia e se mantiveram mesmo depois do retorno às atividades presenciais; os diálogos *on-line* e presenciais com estudantes do ensino superior (zoom usado para essa etapa do estudo), através *de* questionários abertos, utilizando o *Google* formulários, sendo este último um dos dispositivos bastante recorridos por se tratar de um estudo articulado em instituições geograficamente distantes.

Quanto aos questionários abertos enviados pelo *Google* formulários enviamos o *link* aleatoriamente no início do ano letivo de 2023 para estudantes de componentes que abordam

o tema Currículo nos cursos referidos, quando obtivemos o total de trinta e duas (32) respostas. As respostas obtidas foram organizadas em torno de eixos comuns, de maneira que preferimos não apresentá-las *ipsis litteris*, exceto em situações que julgamos necessárias à formulação de nossas elucubrações.

Currículos híbridos: tensionamentos conceituais

Como já dissemos anteriormente, as discussões em torno dos currículos híbridos já se faziam presentes em nossos campos conceituais há algum tempo. Nesse sentido, destacamos os estudos de Dussel (2002), Lopes (2005), Matos e Paiva (2007), dentre outros igualmente relevantes. O que trazemos desses estudos, na maioria das vezes, é uma ideia de híbrido como atravessamentos culturais, políticos e sociais, como imbricamentos, na feitura das práticas curriculares. Vínhamos praticando discursos de currículos híbridos como aqueles que, assumindo as suas ambivalências discursivas, traziam em seu enunciado uma tentativa de superar os binarismos. Entramos no século XXI significando o híbrido como “a ruptura com a ideia de pureza e de determinações unívocas” (DUSSEL, 2002, p. 65). No campo específico do currículo, Dussel nos adverte que nos usos contemporâneos os discursos curriculares híbridos combinam “distintas tradições e movimentos disciplinares, construindo coalizões que dão lugar a consensos particulares” (DUSSEL, 2002, p. 70), constituindo-se palavras de ordem que passamos a praticar em nossas produções discursivas. E o que enunciamos com esses discursos? Que o processo de hibridação não se sustenta nas lógicas binárias, mas, pela pluralidade, pela “mistura”, pelas multiplicidades. Essa compreensão de currículo híbrido pela via do acontecimento, das coalizões, chega a nosso estudo de maneira muito oportuna através de uma colaboradora com este trabalho. Para ela, um currículo híbrido é

[...] como um movimento de vida que envolve decisões e escolhas políticas tanto na definição pelos conhecimentos formativos quanto na produção desses conhecimentos. Acredito que ao pensar as políticas do currículo em uma perspectiva híbrida está em curso colocá-lo e constituir-lo não mais em um texto prescrito de forma unilateral, mas um mover curricular que constrói espaços e aberturas políticas para acolher a diversidade, a pluralidade e ser matizada por suas narrativas e lutas curriculares. Portanto, a ideia de um currículo híbrido coloca em curso sentidos e significações de encontros COM os outros participantes do currículo e seus anseios por serem vistos, acolhidos, reconhecidos, valorizados e validados. É certo que a ideia de um currículo híbrido abre caminhos para que as políticas de currículo e as práticas curriculares cotidianas sejam constituídas em processos de conversar COM, (re)significar COM, tramar COM, construir COM os outros participantes do currículo considerando seus sentidos e significações de vida, de mundo, política e currículo (Colaboradora 23, grifos da autora).

A superação das lógicas binárias vai ao encontro do que temos defendido quando

tratamos das perspectivas rizomáticas e assumimos a conjunção “e” em contraposição às lógicas “ora...ora”, “ou... ou...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a). Essa insistência da colaboradora em utilizar-se do “COM”, assim grafado em letras maiúsculas, nos parece uma vontade explícita de romper com os binarismos significantes. Com ela compartilhamos esse entendimento e, por isso, o nosso incômodo com as palavras de ordem que vêm sendo enunciadas para significar os currículos híbridos, após as experimentações curriculares em tempos de ensino remoto. Sobre essas palavras de ordem Deleuze e Guattari afirmam:

Chamamos *palavras de ordem* não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma ‘obrigação social’. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, direta ou diretamente. (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 17, grifos dos autores)

Sobre isso, temos um registro importante em nossa garimpagem cartográfica. Enquanto estávamos ajuntando os discursos produzidos, chamou-nos a atenção uma manifestação das escolas privadas em um dado município do interior da Bahia. A locutora, em cima de um carro de som, com volume bem expressivo, convocava a comunidade a pressionar os órgãos de vigilância sanitária para o retorno às aulas presenciais, defendendo que era possível fazer um currículo híbrido. Em outra oportunidade, essa mesma pessoa, que também era diretora de uma escola de educação infantil e ensino fundamental privada, em entrevista concedida a um meio de comunicação de massa, falava de currículo híbrido como um sistema de revezamento, em que as crianças deveriam estar na escola em três dias, enquanto outras permaneciam em casa realizando atividades remotas; depois, o grupo que estava em casa deveria ir à escola nos próximos três dias (inclui aí o sábado), enquanto o grupo que esteve presencialmente pudesse realizar suas atividades no modelo remoto. Esse entendimento de currículo híbrido como sistemas de revezamento do tipo “ora presencial, ora online” foi ganhando força significativa, funcionando como um tipo de “obrigação social”, de maneira que mesmo entre estudantes dos cursos de licenciatura e de pós-graduação na área da educação, foi se distribuindo muito rapidamente entre os falantes. Chama-nos atenção, nesse sentido, uma resposta que obtivemos de uma participante para a questão “o que é um currículo híbrido?”. Ela assim nos respondeu:

Entendo pela palavra ‘híbrido’ que seria o ensino, ou construção de um projeto pedagógico de forma online **ou** presencial. Mas tendo uma outra interpretação, pode ser o cumprimento do que é até então pra ser ensinado, de forma superficial, sem aprofundamentos, a passagem de assuntos por passar. (Participante 28, grifos nossos)

Assim como registarmos na fala da participante 28, vimos que a maioria das respostas

que obtivemos refere-se ao currículo híbrido como esse revezamento. Trata-se de um enunciado que emergiu muito rapidamente, produzindo sentidos e significados bastante (in)ensos nas práticas discursivas curriculares. Vimos que a relação entre o enunciado e o ato é imanente, é de redundância. Para Deleuze e Guattari (1995b, p. 17), “[...] a palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de dizerem o que é ‘necessário’ pensar, reter, esperar etc”.

Quando consultamos algumas propostas pedagógicas e alguns textos oficiais encontramos um crescente movimento de produções discursivas que significam o currículo híbrido como aquele que “mistura as aulas presenciais e online”, que “usa as tecnologias como método de estudo para facilitar a aprendizagem”, que “orienta para ensino e aprendizagem mesclando atividades presenciais e virtuais”, aproveitando, neste segundo caso, de plataformas na internet ou outros meios digitais (ebooks, forms, filmes e músicas)”. Sentimos que as palavras de ordem e os atos estão produzindo processos de atualizações curriculares alinhados aos “ares do tempo”, agenciando coletivamente diferentes enunciados, dentre os quais o reducionismo da ideia de currículo.

Considerações Finais

Essas produções discursivas que colocam a ideia de currículos híbridos como sistemas de revezamento ora/ou online, ora/ou presencial vêm ganhando celeridade e sendo incorporado às propostas curriculares em diferentes níveis de educação, tanto na educação básica, quanto no ensino superior. Para nós, trata-se de um reducionismo que coloca em risco as tramas complexas que envolvem os currículos. Essa ideia de currículo que se reduz à noção de mistura de metodologias e práticas presenciais e online exclui as tramas e os dramas das produções e práticas curriculares. Trazemos essas questões para o território das problematizações porque defendemos a necessidade de pensarmos o próprio currículo como linhagem cuja produção discursiva não pode estar alinhada de forma tão simplista aos modelos tecnocráticos, de eficiência, produtividade e desenvolvimento. Temos pautas em torno dos processos de hibridização curricular que não podem ser deixadas de lado; são tessituras do cotidiano escolar, fluxos que acontecem na imanência do vivido. Sabemos da importância do acesso e do uso das tecnologias, mas talvez não seja oportuno permitir que os discursos simplistas em torno dos currículos híbridos venham se consolidando e se afirmando como discurso universal e generalizante sem profundas problematizações. Entendemos que essa problemática precisa ser revisitada e agregar estudos outros nessa mesma direção.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 2. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995b.

DUSSEL, Inés. O currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças? In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (organizadoras). **Currículo**: Debates Contemporâneos. São Paulo:Cortez, 2002. (Série cultura, Memória e currículo, v.2)

LOPES, Alice C. Política de Currículo: recontextualização e hibridismo. **Currículo sem Fronteiras**, v.5, n.2, pp.50-64, Jul/Dez 2005. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/lopes.pdf>. Consultado em 10 de abril de 2023.

MATOS, Maria do C. de; PAIVA, Edil V. Hibridismo e Currículo: ambivalências e possibilidades. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, pp.185-201, Jul/Dez 2007. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/matos-paiva.pdf>. Consultado em 10 de abril de 2023.